

|| GREVE NA CONSTRUÇÃO CIVIL DE CURITIBA E REGIÃO ||

NADA VAI NOS IMPEDIR DE LUTAR POR NOSSAS REIVINDICAÇÕES

Nem a chuva, nem o frio, tampouco a gripe suína, são capazes de terminar com a greve dos trabalhadores da construção civil de Curitiba e Região Metropolitana. A única saída para o impasse é uma proposta patronal que seja coerente com as reivindicações dos trabalhadores.

A paralisação por tempo indeterminado já entrou na segunda semana e a adesão dos trabalhadores só aumenta a cada dia. E a mobilização não tem data para acabar. Só depende do patrão!

Todo dia milhares de trabalhadores se concentram na Praça XIX de Dezembro, no Centro da Capital, e de lá saem distribuídos em cinco grandes comandos de greve para promover o convencimento dos demais companheiros nos piquetes.

Na última sexta [24], durante negociação entre os sindicatos dos trabalhadores [Sintracon] e dos empresários [Sinduscon], foi apresentada proposta de reajuste salarial de 8% e vale-compras no valor de R\$ 125,00. A categoria, reunida em assembleia no final do dia, rechaçou a proposta e reafirmou a continuidade do movimento grevista.

Os trabalhadores reivindicam a reposição da inflação mais ganho real nos salários, e a correção também com aumento real no vale-alimentação, bem como sua integração no salário. Na pauta também consta o fornecimento de todas as refeições no local de trabalho, com vistas a acabar com a marmita, e da cesta-básica.

Até hoje já aconteceram mais de dez reuniões de negociação entre as partes, mas as propostas apresentadas pelo patronato, segundo o Sintracon, ainda



Trabalhadores estão motivados e prometem lutar até conquistarem uma proposta patronal coerente com suas reivindicações

estão muito aquém das expectativas. Por enquanto, não há novo encontro agendado entre os sindicatos e a nossa

paralisação prossegue semana adentro, até que alcancemos a tão almejada vitória operária!

:: Incompetência negocial patronal

Durante os dias de paralisação da categoria, várias empresas têm procurado o Sintracon para tentar resolver o impasse da greve de forma unilateral, ou seja, querem fazer acordos diretos com o Sindicato para que os seus funcionários voltem ao trabalho.

O Sintracon afirma e reafirma que não toma este tipo de medida. Antes de qualquer acordo, é necessário fazer o fechamento da Convenção Coletiva de Trabalho [CCT], que garante os direitos mínimos de todos os trabalhadores da construção civil representados pelo Sintracon.

Todo e qualquer acordo específico só serão fruto de negociação após a celebração da nova Convenção Coletiva.

Esses fatos comprovam que as empresas estão dispostas a negociar o fim da greve através de uma proposta que atenda as reivindicações dos trabalhadores. Por outro lado, também comprovam a fragilidade e a incapacidade dos negociadores do sindicato patronal, o Sinduscon. Eles não foram capazes de impedir o conflito de greve por meio de um debate sério e coerente sobre as reivindicações dos trabalhadores durante as rodadas de negociação que antecederam a greve. E agora voltam a mostrar incompetência, pois já se passaram vários dias de greve e as negociações não avançam. É pra acabar...

Carta aberta à população de Curitiba e Região Metropolitana

- Em primeiro lugar é preciso ficar bem claro que o trabalhador da Construção, assim como todo trabalhador, não gosta de fazer greve. Quando isto acontece é porque a negociação com os patrões revelou-se infrutífera.

- Em segundo lugar, é preciso esclarecer que a imprensa, em geral, costuma dar espaço e voz aos empresários da construção e de outros setores da economia, seus anunciantes, e não tratar da mesma forma as reivindicações dos trabalhadores.

- Por isso, o Sindicato dos Trabalhadores nas Indústrias da Construção Civil de Curitiba e Região Metropolitana e a Fetraconspar (Federação dos Trabalhadores nas Indústrias da Construção Civil e do Mobiliário do Paraná) vem a público esclarecer o porquê da greve iniciada no dia 20 último.

- O Sindicato e a Federação protocolaram a pauta de reivindicações no mês de março, a qual requeria um reajuste salarial com ganho real a partir de 1º de junho e, como acontece todos os anos, iniciou as negociações com o Sindicato Patronal.

- É bom que se saiba que o reajuste reivindicado não saiu da cabeça dos trabalhadores e dos sindicalistas a partir de um exercício de "achologia". Pelo contrário, o reajuste reivindicado é baseado em estudos técnicos elaborados por estudiosos da matéria tão competentes quanto os que prestam serviços aos empresários.

- Esse estudo levou em consideração as perdas salariais provocadas pela inflação acumulada entre 1º de junho de 2008 e 31 de maio de 2009, ou seja, 5,45%. Se os empresários concedessem esse índice de reajuste, estariam apenas repondo o poder aquisitivo dos salários com base na inflação oficial.

- Para chegar à reivindicação por aumento real de salários, os trabalhadores, que constroem tudo o que se vê por aí e que, não raro, pagam a conta das crises econômicas provocadas pelos empresários ávidos pelo lucro fácil, rápido e nem sempre escrupuloso, querem e creem ser justo a participação no crescimento da construção civil, obra e graça do suor de quem pula da cama, todos os dias, antes do Sol nascer.

- Apesar da crise econômica mundial, o setor da construção civil brasileira só tem feito crescer nos últimos anos. Isso é resultado dos programas habitacionais do

governo federal, bem como da redução das taxas de juros – que leva as pessoas a investir em bem duráveis como os imóveis – e da política de isenção de impostos dos materiais de construção promovida pelos governos federal e estadual.

- Nesse cenário de tudo para os empresários e nada para os trabalhadores, o Sindicato dos Trabalhadores da Construção de Londrina fechou a negociação com o reajuste em torno de 10%, as Olarias e Cerâmicas negociaram reajuste de 14% e as empresas de Instalações Elétricas em 10% e Artefatos de Cimento em 10%..

- Como fica claro, quando a negociação não descamba para a mesquinha, como ocorre em Curitiba e Região Metropolitana, cujos empresários ofereceram reajuste em torno de 8%, os trabalhadores não tem motivo para entrar em greve. É o caso, inclusive de perguntar: será que o trabalhador de Londrina é melhor do que o da capital do Paraná?

- A resposta a esta questão pode, muito bem, explicar a escassez de mão de obra em Curitiba e Região Metropolitana. Afinal, a perspectiva patronal de apenas ver na construção uma fonte inesgotável de lucros, com a conseqüente não valorização da mão de obra, sem enxergar o trabalhador como um parceiro, não desperta o interesse do assalariado pela nobre e imprescindível profissão de construtor.

- Por fim, é bom que a população de Curitiba e Região Metropolitana saiba que todos os indicadores econômicos apontam crescimento no setor a construção entre 1º de junho de 2008 e 31 de maio de 2009.

- Dessa forma, quem provocou a greve foram os patrões e não os trabalhadores. Trabalhador que ganha o sustento para si e para os seus com o suor do seu corpo, como dissemos no início desta Carta Aberta, não gosta de fazer greve. O operário da construção acredita que o trabalho dignifica o homem e faz disse sua profissão de fé. O resto é conversa mole pra' hoje dormir.



O Jornal Fato Concreto é o veículo oficial de comunicação do Sindicato dos Trabalhadores nas Indústrias da Construção Civil, de Olaria, de Cerâmica para Construção, de Artefatos de Cimento Armado e de

Mármore e Granitos de Curitiba e Região Metropolitana. Endereço: Rua Mateus Leme, nº 324, bairro São Francisco, Curitiba - Paraná. CEP: 80510-190 – Fone/Fax: (41) 3322-0102 -

Página na Internet: www.sintraconcuritiba.org.br

e-mail: sintracon@sintraconcuritiba.org.br

Jornalista Responsável: Davi Macedo – MTb 5462/SRT-PR

Projeto Gráfico e Diagramação: Davi Macedo – 9625.1357

Impressão e Fotolitos: Helvética Composições Gráficas